



CONCEPÇÕES DE LÍNGUA E PRÁTICAS TRANSLÍNGUES: análise de textos escritos no curso de Letras

Rosa Maria Tonkio¹
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Isabel Cristina Vollet Marson²
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Resumo: A globalização e o uso das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs) implicam em mudanças nas práticas letradas e na comunicação e interação dos sujeitos na sociedade. O mundo em constante transformação favorece a reflexão sobre a língua, que, como prática social, se modifica continuamente. No meio acadêmico, muitos são os questionamentos sobre o que é língua, como é aprendida/ensinada e sobre a expansão do inglês no contexto mundial. Partindo da premissa de que é profícuo estudar a língua em contextos que preveem a interação de falantes multilíngues e a negociação de significados, este trabalho traz os resultados da pesquisa de iniciação científica que buscou analisar as práticas translíngues que acontecem nos textos escritos do curso de Letras de uma universidade paranaense. É fundamental discutir como os sujeitos fazem uso das práticas translíngues para se comunicarem em contextos orais e escritos (Canagarajah, 2011; Otheguy et al., 2015). Além disso, é pertinente analisar as práticas translíngues e o uso de todos os recursos disponíveis (língua, corpo, semioses) na construção de significados (García, 2017). Nesta pesquisa qualitativa, primeiramente realizamos a revisão bibliográfica de autores que discutem as práticas translíngues em textos escritos (Reis; Grande, 2017; Grande; Rosa; Tanzi Neto, 2020; Von Mühlen, 2021). Na sequência, analisamos 90 textos provenientes de avaliações formais escritas do curso de Letras e foi possível verificar que os graduandos fazem uso das práticas translíngues. Essas práticas podem ser classificadas em “translinguagem como estratégia” (Von Mühlen, 2021), “translinguagem como multimodalidade” (Von Mühlen, 2021) e “hibridização morfológica e hibridização sintática” (Reis; Grande, 2017). Pudemos observar que os alunos utilizam práticas translíngues como forma de transitar entre repertórios e representar suas ideias através da multimodalidade.

Palavras-chave: Língua Inglesa. Formação de Professores. Práticas Translíngues. Textos Escritos.

Introdução

A língua inglesa se tornou ponto de encontro para os mais variados falantes e seus propósitos. O alcance do idioma é tamanho que, ao comparar o número de falantes nativos e

¹ Orientanda do Programa de Iniciação Científica Voluntária (PROVIC) no período 2022-2023, Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG. E-mail: mariatonkio@gmail.com

² Professora adjunta da Universidade Estadual de Ponta Grossa, orientadora de Iniciação Científica. E-mail: imarson@uepg.br



não nativos, o segundo grupo ultrapassa o primeiro. A partir dessa composição heterogênea de falantes, é esperado que transformações e adaptações sejam feitas de acordo com as necessidades individuais, ou coletivas, a cada interação. Sendo assim, consideramos que a língua é um “construto social” (Makoni; Pennycook, 2006 apud Von Mühlen, 2021) e que seu estudo não deve separar idioma e falante, nem as estratégias que um falante emprega ao se comunicar.

Situações de mal-entendidos e dificuldades de compreensão podem se tornar barreiras para a comunicação efetiva entre falantes multilíngues que aprenderam seu segundo idioma dentro da proposta monolíngue de ensino. Tradicionalmente, as escolas que partem dessa visão procuram criar espaços em que apenas uma das línguas é utilizada, permitindo apenas interações em inglês, por exemplo. Contrariando a perspectiva monolíngue a translíngua traz o conceito de repertório único pertencente a cada falante, no qual estão presentes todas as línguas aprendidas pelo indivíduo, assim como os múltiplos recursos semióticos enunciativos, não sendo possível separar uma da outra e impedir que se relacionem (Canagarajah, 2013). Para o autor, a orientação monolíngue prevê que os conceitos de língua, comunidade e lugar estão imbricados. A língua reflete as identidades dos sujeitos e são vistas como separadas umas das outras. A parte cognitiva da língua é mais importante do que a social (Canagarajah, 2013, p.20). Por outro lado, as práticas translíngues consideram as línguas plurais e não há fronteiras entre elas. Pennycook (2017, p.2) “[...] entende a translíngua como conectada com a ideia de repertórios espaciais e conjuntos semióticos”³. Ou seja, através da translíngua é possível construir significados a partir de todos os recursos disponíveis na interação.

Desse modo, a translíngua é uma possibilidade para que o aluno, mesmo com dificuldades na língua adicional, estabeleça uma comunicação fluida, não apenas no contexto de sala de aula, mas em todas as situações em que a comunicação for possível.

Conceituar *translíngua* é uma tarefa complexa. Marson (2019) cita a seguinte definição de Canagarajah (2011): “a habilidade de falantes multilíngues transitarem entre línguas, tratando os diversos idiomas que formam seus repertórios como um sistema integrado”. E adiciona:

³ No original: “[...] understands translanguaging as connected with the idea of spatial repertoires and semiotic assemblages”.



Nesta perspectiva, translinguagem é considerada como um fenômeno natural entre falantes multilíngues e não pode ser entendida a partir de perspectivas educacionais monolíngues. Na visão translíngue, falantes desenvolvem competências performativas que permitem a circulação entre linguagens, aproveitando de múltiplos recursos semióticos e negociando estratégias para se comunicarem (Marson, 2019, p. 234, tradução nossa).⁴

Podemos perceber que nessa ótica as línguas não são vistas como separadas, mas como práticas translíngues, em que os sujeitos usam o seu repertório linguístico para se comunicar. Ou seja, com uma variedade de modos semióticos a sua disposição, as pessoas podem recriar a linguagem quando interagem com outros interlocutores. A visão de língua é, portanto, ampliada por essa visão comunicacional alternativa, ultrapassando a noção de língua como imutável e monolítica.

Na tentativa de esclarecer confusões conceituais a respeito do tema, Wei e García (2022, p. 314) lembram que há duas visões que precisam ser consideradas a respeito da translinguagem: pelo prisma dos educadores monolíngues, ela pode ser compreendida como “o reconhecimento ou uso da ‘primeira língua’ dos alunos multilíngues”⁵ (Wei; García, 2022, p. 314). Já os educadores bilíngues entendem que pela translinguagem os alunos podem transitar pelas línguas de instrução. No entanto, essa ideia, para os autores, é equivocada, pois o sentido de ‘trans’ em *translanguaging* implica em ir além das línguas nomeadas, levando em conta seus contextos sociais e ideológicos. Assim, a translinguagem pode ser vista como um recurso decolonial de reverter o processo que mitiga a base das línguas dos povos colonizados (Wei; García, 2022, p.314).

A partir dessas conceituações, entendemos que adotar a perspectiva translíngue de ensino inclui estar consciente do processo pelo qual as línguas nomeadas se estabeleceram sob outras e adotar um posicionamento crítico frente à padronização e ao modelo ideal de falante (nativo) de determinada língua.

⁴ No original: “[...] translanguaging is considered as a natural phenomenon among multilingual speakers and it cannot be understood from monolingual educational perspectives. In the translanguing view, speakers develop performative competence that allows them to circulate among languages, taking advantage of multiple semiotic resources and negotiation strategies to communicate”.

⁵ No original: “[...] the acknowledgment or use of multilingual students’ first languages”.



Material e métodos

Nesta pesquisa qualitativa interpretativista, primeiramente realizamos a revisão bibliográfica de autores que discutem as práticas translíngues em textos escritos (Reis; Grande, 2017; Grande; Rosa; Tanzi Neto, 2020; Von Mühlen, 2021). Em seguida, buscamos analisar se os estudantes do curso de Licenciatura em Letras Português/Inglês de uma universidade paranaense fazem uso de práticas translíngues em textos escritos e de que forma utilizam essa ferramenta. Os textos foram produzidos no contexto de avaliações formais da disciplina de Língua Inglesa do segundo ano do curso e as redações possuíam cinco propostas distintas: discorrer sobre vantagens e desvantagens de morar no exterior; planejar uma viagem econômica; descrever as três pessoas de uma imagem para que um conhecido possa ir buscá-las no aeroporto; argumentar sobre o propósito da televisão; discorrer sobre hábitos alimentares de uma família fictícia ilustrada. Foram avaliados 90 textos e classificamos as evidências encontradas. No artigo intitulado “A translanguagem como ferramenta de aprendizagem e identidade na escrita acadêmica”, Reis e Grande (2017), baseando-se na visão do uso estratégico de recursos linguísticos e semióticos, classificam as práticas translíngues como: hibridização morfológica; hibridização sintática; recursos multimodais; anotações pessoais; *scaffolding* estratégico; integração inglês e português. Já Von Mühlen (2021), em sua dissertação, organiza tais práticas de acordo com o que ela chama de “instâncias da prática translíngue” (Von Mühlen, 2021, p.77), são elas: translanguagem como estratégia, translanguagem como multimodalidade e translanguagem como identificação. A maneira como os autores Reis e Grande (2017) e Von Mühlen (2021) percebem as práticas translíngues é diferente, no entanto, percebemos que as experiências que trouxeram nos auxiliaram a identificar os exemplos nos textos.

Durante o período de pesquisa, também foi possível ministrar uma palestra⁶ sobre o tema, no dia 21 de novembro de 2022, para as turmas do segundo ano de Licenciatura em Letras Português-Inglês. A conversa teve o objetivo de trazer para a sala de aula a reflexão sobre o que

⁶ A palestra foi ministrada pela orientadora e pela orientanda do projeto de iniciação científica. A Profa. Dra. Isabel Cristina Vollet Marson iniciou a discussão sobre língua e inglês como língua franca, e eu, Rosa Maria Tonkio, acadêmica do curso de Letras, trouxe a reflexão e discussão dos conceitos relacionados à translanguagem.



é inglês como língua franca e translinguagem. Também, aplicamos um questionário para entender o perfil dos alunos, para saber se conheciam esses temas e se consideravam importante refletir sobre eles para sua prática futura.

Resultados e discussão

A análise dos textos mostrou que os alunos fazem uso de práticas translíngues como ferramenta para se fazer entender e atingir seus objetivos. Foi possível perceber a ocorrência de translinguagem em mais de 90% dos textos⁷, sendo os usos mais significativos: “translinguagem como estratégia” (Von Mühlen, 2021), assim como “hibridização morfológica e hibridização sintática” (Reis; Grande, 2017). A seguir, utilizaremos trechos extraídos dos textos analisados para exemplificar essa nomenclatura.

Translinguagem como estratégia (Von Mühlen, 2021) e hibridização morfológica (Reis; Grande, 2017)

EXEMPLO 1:

Nowadays, study abroad can offer you much more opportunities on the camp of work. They see the study novel like a differential to the others. Study abroad could be very expensive, you may have to keep a lot of money in a bank for long periods of time to get a confer life while you are out of your native country. You have to be able to get face of another dialect, another person, another language. Everything will be different, but all the new things made you a better person in differents.

Figura 1 – Translinguagem como estratégia e hibridização morfológica

Ao analisar essa produção, destacamos a expressão *camp of work*. Em inglês, a palavra *camp* significa “acampar” e *camp of work* se aproxima de *work camp*, definido pelo dicionário on-line Collins como “a camp set up for young people who voluntarily do manual work on a

⁷ O levantamento do número exato de ocorrências em cada categoria ainda está em análise.



worthwhile project". Portanto, para leitores sem conhecimentos da língua portuguesa, a frase causaria um mal-entendido ou estranhamento, mas, para nós, falantes de português, fica claro que o intuito era falar sobre campos ou áreas de atuação profissional de maneira geral. Sendo assim, esse uso pode ser caracterizado como translíngua como estratégia, pois o autor fez uma escolha criativa partindo do repertório que possuía para que pudesse expressar sentido em seu enunciado. Também, é provável que tenha considerado o fato que a pessoa para quem ele estava escrevendo (no caso, a professora) é falante nativa da língua portuguesa e iria compreendê-lo.

Em seguida, temos os vocábulos: “*diferencial*”, “*comfort*” e “*differents*”, que em português são escritos: “diferencial”, “conforto” e “diferentes”. Já na língua inglesa, a grafia correta das palavras seria: *differential*, *comfort* e *different*. Nessas ocorrências percebemos uma mescla da grafia em português e inglês, que podemos classificar como hibridização morfológica e não apresenta prejuízo ao entendimento do leitor.

Integração Inglês-Português (Reis; Grande, 2017)

EXEMPLO 2:

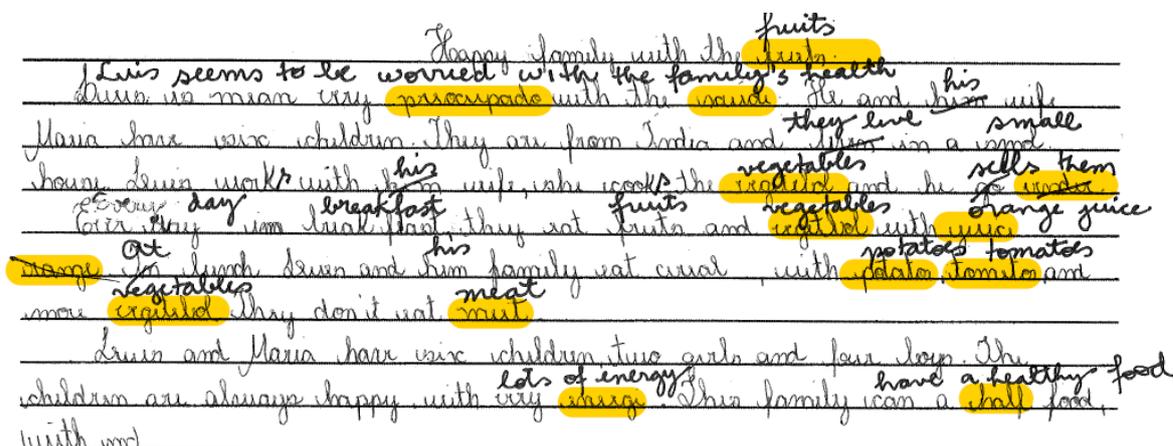


Figura 2 – Integração inglês-português

Outra situação, bastante comum em um texto escrito em língua inglesa, é incluir palavras em português (ou outro idioma), pela necessidade de concluir uma ideia. Sem o termo adequado na língua inglesa, o escritor utiliza palavras do seu repertório para compor seu enunciado. No excerto acima, o estudante coloca: “*Luis is mean very preocupado with the*



saúde”. Mesmo com idiomas mesclados, podemos entender, aqueles que têm conhecimento da Língua Portuguesa, que “Luís é um homem muito preocupado com a saúde”. Essa frase é essencial na construção do texto e do que se segue a ela.

Hibridização Fonético-Fonológica⁸

No exemplo 2, também percebemos que o autor do texto escreve algumas palavras com base no som que elas têm: “*vegetebol*” para vegetal ou “*half*” para saúde, quando a grafia adequada à norma padrão é *vegetable e health*. Ao comparar a escrita que o autor utilizou e a descrição fonética das palavras, notamos certa correspondência entre os sons produzidos em língua inglesa e portuguesa, /ə/ para /o/ e /θ/ para /f/.

Ambas as situações (integração inglês/português e hibridização fonético-fonológica) demonstram que o escritor usa seu repertório e conhecimentos prévios das duas línguas, não somente na escrita, mas, também, na fala, para que possa concluir seu propósito comunicativo.

Hibridização Sintática (Reis; Grande, 2017)

EXEMPLO 3:

PARKS, SO WE TAKE BY BICYCLE. IT WAS A IN LOVED TRAVEL, BECAUSE WE WERE COMPLETING **1 YEAR VALENTINE**. FOR RETURNING TO HOTEL WE WERE, WE TOOK A CAR. THIS **CAR** IS THE MOST BEAUTIFUL OF THE CITY. **KON KIMSH** OUR IN LOVED TRAVELLING, WE TOOK BY TRAIN, BECAUSE **AT** NIGHT THE TRAIN **PASSAGE** IS CHEAPER THAN DURING THE DAY.

Figura 3 – Hibridização sintática

No trecho apresentado, o autor escreveu *1 year valentine*, fazendo referência a “um ano de namoro”, porém o termo *valentine* é utilizado para descrever a pessoa que namora, não

⁸ O referencial teórico em que baseamos a análise não apresenta uma categoria específica que aponte para aspectos fonético-fonológicos como ponto de partida para práticas translíngues. Mas entendemos como necessária sua inclusão, pois o fenômeno ocorreu com frequência nos textos que analisamos. Adicionalmente, consideramos que a classificação “translinguagem como estratégia”, proposta por Von Mühlen (2021), abrange de forma ampla os processos fonético-fonológicos, morfológicos e gramaticais dos idiomas.



o relacionamento amoroso. Também, ele(a) coloca *train passage*, com o intuito de falar acerca do custo monetário da passagem de trem, porém *passage*, na língua inglesa, não tem a mesma conotação do português, mas, sim, de local por onde se passa ou o verbo “passar”. As relações lexicais que o escritor fez demonstram a interação do repertório de língua inglesa com o de língua portuguesa, o que caracteriza a hibridização sintática. O uso do pronome possessivo *your* no lugar de *his/her/their*, foi muito comum, justificado pela utilização em português de “seu(s)/sua(s)” tanto para a segunda quanto para a terceira pessoa do discurso. Muitos acadêmicos fizeram uso do verbo *have* em situações nas quais seria mais adequado utilizar *there is/are*, entendido, também, do ponto de vista do falante de língua portuguesa, para quem o verbo “ter” é usado seja para posse, seja para a existência/presença de algo em algum lugar.

Do ponto de vista da gramática normativa, todos os exemplos apresentados seriam considerados erros e impactariam negativamente na nota final da avaliação.

Durante a palestra para os alunos do segundo ano de Letras, percebemos que ainda é incipiente, na universidade, a discussão a respeito de translinguagem e inglês como língua franca. Uma breve análise das respostas do questionário mostra que existem profundas diferenças na formação escolar entre os acadêmicos: 40% dos 35 alunos que responderam ao questionário inicial informaram ter estudado inglês apenas em escola pública; os demais alternaram entre escola particular, escola particular e escola de idioma ou escola pública e escola de idioma. Entre esses, houve duas exceções: um estudante que informou ter estudado apenas espanhol no ensino regular e outro que estudou inglês apenas na faculdade. A maior parte dos alunos demonstrou insatisfação ao relatar sua experiência no ensino regular de inglês. Muitos informaram ter aprendido de forma superficial e 6 estudantes afirmaram ter se sentido “excluídos” em determinados momentos, como avaliações ou interação com o professor. Dos respondentes apenas 4 já atuam como professores de língua inglesa. Em suas explicações sobre a visão pessoal do que é “língua”, 19 alunos mencionaram a palavra “comunicação”, 9 utilizaram “cultura” e 7 usaram “código”. A respeito da conceituação de inglês como língua franca, apenas uma pessoa não soube responder. Os demais relacionaram o idioma com a globalização e a comunicação entre pessoas de diferentes localidades, incluindo a percepção de variação da língua. Por fim, ao serem questionados sobre translinguagem, mais da metade dos alunos disseram não conhecer ou não ter certeza. O restante conceituou como a interação, ou



mistura, entre língua materna e outro idioma de variadas formas (pensar, traduzir, substituir palavras).

Após a palestra em sala, 25 alunos responderam ao questionário final e, unanimemente, disseram considerar o debate sobre língua, inglês como língua franca e translíngua importante na formação de professores, e a maioria argumentou sobre a influência da discussão na sua prática em sala de aula.

Acreditamos que, antes de tentar conceituar translíngua, é importante perceber a visão de língua dos alunos. Defendemos a língua como prática social pela qual indivíduos manifestam seus pensamentos e desejos, se posicionando, se relacionando e dialogando com os demais. Partimos do princípio de que a língua não é neutra ou livre de ideologia e que toda a formação individual e coletiva está intrinsecamente conectada a ela. Durante muito tempo pensava-se que, ao aprender uma língua adicional, a língua materna e a segunda língua estariam armazenadas na memória de maneira separada, sem possibilidade de interrelacioná-las (Possas, 2021). Esse pensamento pertencia ao monolinguismo, que embasou a maior parte dos projetos pedagógicos de ensino de língua adicional e tem influência muito forte ainda hoje. A translíngua vai na contramão desse conceito ao propor que não há separações entre os idiomas, mas, sim, um repertório único, construído pelo falante, no qual os idiomas coexistem e podem interagir entre si (Von Mühlen, 2021, p. 32).

Considerações finais

Pudemos observar que os alunos utilizam práticas translíngues como forma de transitar entre repertórios e representar suas ideias através da multimodalidade. Por exemplo, ao tentar chamar a atenção do professor no texto, o aluno fazia uso de símbolos para se comunicar, como uso de aspas, símbolos (→) e acrônimos como A.K.A (as known as). Canagarajah (2011 apud Grande; Rosa; Tanzi Neto, 2020, p. 412) lembra que, “ao focar na atividade proposta [na prova], [sujeitos] multilíngues fazem com que a gramática e o vocabulário se tornem subservientes aos propósitos comunicativos, [...] sendo [os multilíngues] mais abertos à possibilidade de uma gramática emergente”.



O tema possui extrema relevância para futuros professores de língua adicional, mas ainda não é discutido de maneira ampla entre os acadêmicos. Trata-se de uma perspectiva de ensino que tira proveito de todas as ferramentas multimodais possíveis que motivam o aprendizado do aluno. Conseqüentemente, elas o transformam em um falante de língua adicional seguro, que se preocupa em comunicar, falar e ouvir para que o outro o entenda, ao contrário de preocupar-se apenas em cometer o mínimo de erros.

REFERÊNCIAS

- CANAGARAJAH, S. **Translingual Practice: Global Englishes and cosmopolitan relations**. New York: Routledge, 2013.
- CANAGARAJAH, A. S. Codemeshing in academic writing: identifying teachable strategies of translanguaging. **The Modern Language Journal**, v. 95, n. 3, p. 401–417, Oct. 2011.
- WORK CAMP. In: COLLINS English Dictionary. Disponível em: <https://www.collinsdictionary.com/pt/dictionary/english/work-camp>. Acesso em: 20 set. 2023.
- GARCÍA, O. Translanguaging in schools: subiendo y bajando, bajando y subiendo as afterword. **Journal of Language, Identity & Education**, v. 16, n. 4, p. 256-263, 2017.
- GRANDE, G. C.; ROSA, A. A. C.; TANZI NETO, A. Práticas translíngues na formação de professores de inglês: apropriação e democratização de repertórios linguísticos. **Revista X**, v. 15, n. 1, p. 92-114, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/71413>. Acesso em: 26 set. 2022.
- MARSON, I. C. V. **Multiliteracies, translingual practice and English as a lingua franca: decolonizing teacher education in a public university in Brazil**. 300 f. Tese (Doutorado em Letras) – Setor de Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/65934>. Acesso em: 16 abr. 2023.
- OTHEGUY, R.; GARCÍA, O.; REID, W. Clarifying translanguaging and deconstructing named languages: a perspective from linguistics. **Applied Linguistics Review**, v. 6, n. 3, p. 281-307, 2015.
- PENNYCOOK, A. Translanguaging and semiotic assemblages. In: **International Journal of Multilingualism**, New York: Routledge, Taylor and Francis Group, p.1- 14, 2017.
- POSSAS, L. A. Práticas e perspectivas translíngues no ensino de línguas adicionais. Pós-graduação em Estudos da Linguagem. Dissertação (mestrado), Universidade Federal Fluminense, 2021. Disponível em: < <https://app.uff.br/riuff/handle/1/22847>> Acesso em 26 de setembro de 2022.
- REIS, M. O.; GRANDE, G. C. A translanguagem como ferramenta de aprendizagem e identidade na escrita acadêmica. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens – UFMS**, v. 21, n. 41, 2017. Disponível em: <https://seer.ufms.br/index.php/papeis/article/view/6622/5066>. Acesso em: 28 out. 2023.
- VON MÜHLEN, L. **Lentes translíngues sobre produções escritas em contexto escolar multilíngue**. 137 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Setor de Ciências Humanas,



Universidade Federal do Paraná, 2021. Disponível em:
<https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/72236>. Acesso em: 26 set. 2022.
WEI, L.; GARCÍA, O. Not a first language but one repertoire: translanguaging as a decolonizing project. **RELC Journal**, v. 53, n. 2, p. 313-324, 2022.